

RESENHA

REVIEW

Carlos Cortez Minchillo. *Erico Verissimo, Escritor do Mundo: Circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*. São Paulo: Edusp, 2015. 320 p.

Erico Verissimo é daqueles escritores que andam em baixa acadêmica. Como outros de obra relevante, parece não ser agora alvo de análises e interpretações tanto quanto o foi uma geração atrás. Por outro lado é preciso lembrar que, tendo sido um romancista de grande sucesso de público, na verdade Erico sempre gozou de prestígio limitado no ambiente acadêmico brasileiro, desconsideradas as exceções de sempre. Por quê? Uma parte ponderável se devia ao fato de que seus romances eram muito lidos, muito comprados, entravam em circulação forte junto ao escasso público leitor médio brasileiro, e não eram nem são poucos os críticos e especialistas que torciam o nariz para tal, julgando que, se fazia sucesso, não devia ser muito bom – quase como quem dissesse que, se o público entendia o que era contado, o romancista por certo era fraco.

Um excelente estudo vem agora repor o debate, em termos muito próprios e segundo uma pesquisa empírica de alto valor. Carlos Cortez Minchillo vem de publicar *Erico Verissimo, Escritor do Mundo: Circulação Literária, Cosmopolitismo e Relações Interamericanas*, livro que desde logo merece ser inscrito entre as grandes obras críticas produzidas entre nós nos últimos anos. Os motivos desse acerto merecem ser conhecidos.

Primeiro de tudo, o recorte feito parece inédito e certamente tem poder de iluminar o escritor estudado e de transformar o debate: Minchillo selecionou como foco principal os três romances de Erico que se passam, no todo ou em parte, fora do Brasil. São eles *Saga* (1940), *O Senhor Embaixador* (1965) e *O Prisioneiro* (1967), cada um deles enfocando um ambiente diverso, respectivamente a Espanha ao tempo da Guerra Civil, a hipotética república de Sacramento, nas Antilhas, e uma guerra no Sudeste

Asiático, verossimilmente o Vietnã. Desde aí fica marcada a novidade e a precisão do recorte: numa trajetória marcada essencialmente, no campo da recepção crítica, ou pelo debate sobre os romances de tema urbano dos anos 1930 e 40, ou pela consideração do amplo painel histórico de *O Tempo e o Vento*, todos com grande força realista e de apelo ao leitor médio, Erico é, agora, arguido em sua ficção cosmopolita – por si só rara, raríssima em se tratando de escritores brasileiros.

Valeria lembrar que o maior de todos os romancistas brasileiros, Machado de Assis, nunca saiu nem mesmo do estrito ambiente em que viveu, o Rio de Janeiro (com uma pequena ida ao interior próximo de Minas Gerais, apenas), e muito menos saiu do país; quase o mesmo aconteceu com Graciliano Ramos e vários outros; e um caso radicalmente diferente na biografia, o diplomata Guimarães Rosa, expressou em sua prosa de ficção quase exclusivamente o mundo do sertão mineiro e adjacências. Sobre esses três gênios brasileiros, portanto, é praticamente impossível perguntar coisas como essas que Minchillo pergunta a propósito de Erico, que em sua geração teve talvez apenas um paralelo em Jorge Amado, que porém não ofereceu ficção em ambiente extrabrasileiro.

Acresce que Erico, como muito bem aponta o autor do estudo, conquistou grande intimidade com o mundo exterior ao Brasil, em particular com os EUA (mas também com o México, a Europa Ocidental e Israel, ao menos), onde viveu três temporadas que são objeto de análise em estrita relação com a produção romanesca. E há outra dimensão ainda: no Brasil, Erico foi um importante editor e tradutor do inglês, tendo sido um dos esteios da impressionante trajetória da antiga editora Globo de Porto Alegre, umas das duas maiores do país em seu tempo.

Somadas as três dimensões – raro romancista brasileiro com enredos exteriores ao país, também raro escritor e intelectual brasileiro em sua geração a viver em país de língua inglesa muito fortemente (como ele, talvez apenas dois contemporâneos de obra muito distante, Gilberto Freyre e Vinícius de Moraes) e ainda mais raro escritor-editor-tradutor bem sucedido –, pode-se avaliar o volume e a complexidade da empreitada intelectual protagonizada por Minchillo. E o melhor, o resultado é ótimo, tanto pela precisão com que vai remontando essa colorida teia de relações, com dados empíricos em boa combinação, quanto pela fluência da análise e mesmo do texto. Da mesma forma, os teóricos de maior fôlego com que lida o estudo (Moretti e Casanova, no plano da

sociologia da literatura e da leitura) entram em boa ressonância com o apanhado da fortuna crítica de Erico em sua trajetória ascensional, nos anos 1930 a 50, especialmente.

As restrições críticas que se podem fazer apontam para dimensões laterais do trabalho, isto é, para aspectos não centrais para a realização dos objetivos propostos. De todo modo, como contraponto a esses merecidos elogios, é de registrar que algumas discussões de algum modo aparecem ao longo do trabalho sem merecer desenvolvimento justo. Um caso, nada irrelevante, seria o de tentar estudar os sutis nexos que certamente há entre a anglofilia em matéria de técnica narrativa, por parte de Erico (opção muito rara em sua geração, acentue-se), seu sucesso de público (e seu apreço por ir ao encontro dele, até mesmo protagonizando sessões de autógrafo como, ao que se saiba, nunca antes no Brasil) e, ainda, a relativa indiferença de parte grande da crítica a respeito de sua obra, mesmo em seus mais bem sucedidos momentos. De quebra, poderíamos acrescentar a essa mescla ainda outra camada, a saber, os nexos entre isso tudo e as posições políticas de Erico, marcadas pelo gosto pela democracia e pelo repúdio às ditaduras, e sempre de algum modo tematizadas no próprio enredo de seus romances. Por certo não se trata de problema simples, e talvez ele só caiba num outra empreitada de igual volume, mas enfim o problema ronda o livro de Minchillo, sem encontrar uma formulação forte.

Outro tema quase ausente, de conexão forte com isso, seria pensar sobre a recusa de Erico em ver grande valor em autores experimentais como Faulkner ou Guimarães Rosa, que de algum modo se vitoriam na opinião acadêmica desde os anos 1970. Terá isso algo a explicar acerca de um fenômeno apontado e descrito por Minchillo, a saber, a passagem, vivida pela obra de Erico, entre um relativo sucesso de tradução no mercado norte-americano e o atual ostracismo, ele que foi, em sua faceta de editor, um profundo conhecedor das entranhas da máquina tradutória ocidental?

Mas não se pode perder de vista que, com este estudo de Carlos Monchillo, estamos diante de um livro de enorme valor, que faz honra ao escritor estudado, complexo em sua atividade e trajetória, que nunca desmerece ou barateia a formidável amplitude do objeto que enfrenta e que serve claramente de exemplo para quem queria se aventurar no campo da história e da sociologia da leitura e da literatura.

Luís Augusto Fischer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul